

Cúpula dos Povos – 18/06/2012

“Há terra para Todos?”

Gustavo Souto de Noronha

1. O Pano de fundo

Friedrich Engels nos ensinou algo que, se podia não estar claro à época, hoje é límpido: “A sociedade burguesa se encontra diante de um dilema: ou avanço para o socialismo ou recaída na barbárie.”

Vivemos tempos difíceis, tempos de crise financeira, que na verdade vem se mostrando uma das mais profundas e resilientes crises econômicas do capitalismo, cujo futuro é imprevisível.

Não parece-nos possível uma saída da crise sem a reversão do modo de ser da sociedade capitalista, o crescimento econômico como equação linear não resolve.

Mas a crise não é apenas econômica, é alimentar, energética e ecológica. É uma crise do atual sistema político econômico.

Não por outra razão que o dilema socialismo ou barbárie, de fundamental importância para qualquer discussão política desde o século XIX, está mais atual que nunca. O padrão de produção, distribuição, acumulação e consumo hoje existente nas nações europeias e americanas do norte não é reproduzível para o conjunto das pessoas do mundo.

Nos dias de hoje, já se consomem por ano as reservas de uma Terra e meia. Se os sete bilhões de habitantes do planeta adotassem o padrão de consumo dos Estados Unidos, seriam imediatamente necessárias quatro Terras e meia!

Vivenciamos uma crise ecológica sem precedentes e, mais uma vez precisamos voltar aos clássicos e atentar ao que Marx já colocou em O Capital:

“Com a preponderância cada vez maior da população urbana, a produção capitalista, de um lado, concentra a força motriz da sociedade, e de outro, desequilibra o intercâmbio material entre o homem e a terra, isto é, a volta à terra dos elementos consumidos pelo ser humano, violando assim a eterna condição natural da fertilidade do solo. O progresso da agricultura capitalista se faz despojando não só o trabalhador, mas também o solo: a produção capitalista só se desenvolve exaurindo as fontes originais de toda riqueza: a terra e o trabalhador”

Para evitar a barbárie, que, aliás, já se abate em várias partes do mundo, há que se agregar a defesa do planeta como parte indissociável da luta pelo socialismo. As crises econômica, energética, alimentar e ecológica decorrem do insustentável padrão de consumo imposto pelo capitalismo.

2. O padrão de consumo

A discussão proposta nesta oficina é “Saúde, Padrões de Consumo e Desenvolvimento Sustentável: Há Terra para todos?”.

Como leigo na área da saúde, a minha concepção de saúde é vida. Não dá para discutir vida sem falar de como os impactos das atividades humanas influem no equilíbrio ecológico que permite a sobrevivência da espécie humana.

Aliás, aqui é importante um parentese, não sou ecologista apenas porque quero preservar o mico leão dourado, o urso panda, a baraúna ou o pau brasil, mas principalmente porque quero preservar a espécie humana.

Dito isto, lembro que o capital vai sempre criar necessidades que não precisamos. Ícone dessa ideologia, idolatrado após sua morte, Steve Jobs foi claro quando perguntado se ele procurava saber o que os consumidores de seus produtos queriam, Jobs afirmou que ele é que dizia o que os consumidores iriam querer. O atual padrão de consumo, insustentável, é consequência desta filosofia.

Devemos sempre lembrar que na atual lógica os produtos vão se tornando rapidamente obsoletos e nos vemos obrigados a consumir para nós não ficarmos obsoletos. Quantos dos aqui presentes não trocaram de celular nos últimos dois anos? Quantas vezes?

O modo de produção que permite o atual padrão de consumo devasta nossas florestas e seca nossos rios, enfim, tem destruído o planeta e seus recursos naturais. Compromete assim o ciclo de chuvas, fertilidade do solo e, por consequência, a própria produção de alimentos para a população. As terras agriculturáveis vão se esgotando no atual modo de produzir e seu avanço sobre as florestas nas fronteiras agrícolas, ainda que alguém concorde que aumenta a produção de alimentos no curto prazo, não sustenta-se no longo prazo.

O próprio padrão de produção agrícola hoje esgota o solo com suas monoculturas e envenena a terra, a água e os alimentos que consumimos.

3. A disputa territorial entre os modelos agrícolas.

A crise alimentar é resultante também do atual padrão de consumo. O melhor exemplo disto é que com o esgotamento das reservas de combustíveis fósseis, tem-se colocado como alternativa a produção de agrocombustíveis que no frigor dos ovos competem pelas terras férteis com a produção de alimentos. A discussão do modelo de exploração ideal das terras é vital para a discussão de como iremos alimentar os sete bilhões de habitantes do planeta. Ainda assim, nossa sociedade prefere a lógica do automóvel individual à do transporte coletivo eficiente.

Temos de um lado o agronegócio das monoculturas, do deserto verde, do uso intensivo dos agrotóxicos e da manipulação genética de impactos no mínimo incertos. Muitas terras que poderiam estar disponíveis para a produção de alimentos hoje servem à celulose e ao etanol. Será que só abriremos os olhos se nos servirem no café da manhã uma resma de A4 com suco de manga cheia de veneno batido no álcool combustível?

A produção orgânica e sustentável vem da agricultura familiar, é mais fácil você garantir uma produção livre de veneno junto ao agricultor familiar que no agronegócio. Ou seja, é preciso discutir uma reorganização da produção de alimentos do país num paradigma agroecológico.

O exemplo brasileiro, conforme os dados do censo agropecuário do IBGE, nos mostra que a agricultura familiar e camponesa é que põe o alimento na nossa mesa. E é este o modelo alternativo que enxergamos na agricultura, a agroecologia é nosso norte. A produção familiar de alimentos saudáveis, livres de produtos químicos, gerando emprego e renda.

4. A miséria resultado do padrão de consumo e a reforma agrária como caminho para a sustentabilidade

A miséria é inimiga da democracia e da sustentabilidade. A presidenta da República estabeleceu como objetivo eliminar a miséria no Brasil e esta também é uma opção pelo desenvolvimento sustentável, mas não podemos fazer isto sem discutir reforma agrária.

Outrossim, é preciso compreender que a miséria é um resultado deste modelo de consumo insano. Só é possível uma elite que consuma em níveis semelhantes ao estadunidense, enquanto existem miseráveis que não podem ter acesso ao mesmo padrão de consumo. Só existem os países ricos no Norte, enquanto existir pobreza e miséria no Sul. A Alemanha só é a Alemanha porque a Etiópia é a Etiópia.

Também temos que perceber que o quadro de pobreza e miséria rural é muito mais avassalador que o urbano. Temos trabalhadores submetidos a regimes de semiescravidão e superexploração como em nenhum outro setor da economia. Acrescentem-se os “falsos incluídos”, minifundiários, sem acesso a qualquer linha de crédito, cujas propriedades não possuem tamanho suficiente para permitir-lhes uma cidadania plena. Sem mencionar que, muitas vezes, a situação de miséria conduz o pequeno a práticas ambientalmente equivocadas.

Inúmeros estudos econômicos, inclusive da corrente neoclássica normalmente associada ao ideário neoliberal, asseveram que a grande propriedade é ineficiente. Há discussões sobre o tamanho ideal de uma propriedade rural, que varia conforme a exploração, mas é certo que a partir de determinada área utilizada começa-se a gerar deseconomias de escala. Além disso, a atividade agrícola não é uma atividade capitalista em senso estrito, pois está sujeita a muitas incertezas, como, sobretudo, as condições meteorológicas. Por fim, a grande propriedade, como já dito, é ambientalmente menos eficiente que a propriedade familiar, até porque a agroecologia não se adequa ao padrão quase fordista do agronegócio. Esses fatos corroboram a ideia proposta pelos movimentos sociais da necessidade de alguma limitação do tamanho da propriedade rural.

Deve-se destacar que nenhum país do mundo se desenvolveu sem, em algum momento de sua história, realizar algum tipo de reforma agrária. A literatura acadêmica é vastíssima a este respeito. As razões normalmente estiveram ligadas à expansão do mercado consumidor interno, ou ao rompimento com as antigas oligarquias políticas feudais e semif feudais. Estas mesmas oligarquias que tentaram, e

seguem tentando, dilapidar nossas florestas com as mudanças no código florestal comprometendo o uso do planeta pelas nossas gerações futuras.

No Brasil, só recentemente, com o programa Bolsa Família, iniciou-se a ampliação do mercado interno. No entanto, é necessário avançar para que esses beneficiários tenham acesso a uma renda não assistencial. A reforma agrária é uma das alternativas mais baratas de geração de emprego e renda dentro de um paradigma ambientalmente responsável, incluindo-se aí as políticas de crédito e assistência técnica necessárias à efetiva estruturação econômica, social e ambiental das famílias assentadas. A agricultura familiar é mais eficiente que a patronal, comprovável por qualquer análise criteriosa do Censo Agropecuário do IBGE.

Outro ponto negativo do agronegócio é que a agricultura moderna baseada em insumos, fertilizantes, pesticidas e mecanização apresenta como resultado:

- a contaminação da água por pesticidas, nitratos e resíduos de solo e animal;
- a contaminação da comida e da ração animal por resíduos de agrotóxicos, causando danos ao produtor e ao consumidor;
- uma ruptura no ecossistema, incluindo os solos, e prejuízos à vida selvagem;
- a contaminação da atmosfera por amônia, óxido nitroso, metano e os derivados da combustão;
- o sobreuso dos recursos naturais que provoca um esgotamento das reservas d'água e ameaças a vida selvagem, entre muitos outros custos.

A Universidade de Essex demonstrou o alto custo (perdas entre 1,5 e 2 bilhões de libras) decorrentes dos danos à atmosfera, à água, à biodiversidade, aos solos e à saúde humana no Reino Unido - estas externalidades, porém, não são levadas em conta pelos defensores do agronegócio.

O Brasil inventou o que pode ser chamado de Reforma Agrária Perene, contínua. Toda reforma agrária tem que ter começo, meio e fim. Hoje existe uma boa política de assentamentos, mas atrelada apenas à fiscalização da função social da propriedade privada. Isto é insuficiente, pois assim as transformações econômicas, sociais e ambientais esperadas em um processo de reforma agrária não se realizam. O índice Gini de concentração fundiária pouco se alterou nas últimas décadas no país. Ou seja, pouco mais de 600 mil famílias assentadas em oito anos, como ocorreu entre 2003 e 2010, apesar de ser mais do que o que foi feito em períodos anteriores, ainda não pode ser chamado de reforma agrária. Para tanto, seria preciso assentar em oito anos, no mínimo, oito milhões de famílias. Somente uma reforma agrária com este porte pode ajudar a reverter o modelo para um padrão sustentável.

É importante destacar que de acordo com o Censo Agropecuário do IBGE de 2006 cerca de 4,3 milhões de estabelecimentos da agricultura familiar ocupam somente 24,3% da área agricultável e produzem 70% dos alimentos consumidos no país e emprega 74,4% dos trabalhadores rurais, além de ser responsável por mais de 38% da receita bruta da agropecuária brasileira. A relação entre a proporção da produção de alimentos oriundos da agricultura familiar e a de sua participação na receita da agropecuária,

ajuda a inferir que os preços dos alimentos podem baixar diante de uma mudança no paradigma produtivo do meio rural. Ademais, o desperdício de alimento na cadeia produtiva do agronegócio é 10 vezes maior que na cadeia produtiva do modo produção camponês. Podemos encontrar na transformação da estrutura fundiária uma solução de médio e longo prazos para o impacto dos alimentos na inflação. Além da inferência pelos dados e do menor desperdício, deve-se lembrar que inflação de alimentos se dá por um problema de oferta e a grande propriedade, como produz principalmente para o mercado externo, não afeta tanto a curva de oferta interna de alimentos.

Se a ideia da democratização do acesso à terra esteve presente nos debates da sociedade brasileira pelo menos desde o nosso patriarca da independência José Bonifácio (aliás, também um dos nossos primeiros ambientalistas), a sua efetivação ainda parece utopia. Enfim, somente com uma reforma agrária efetiva e agroecológica, consorciada a políticas de estado de crédito e assistência técnica, será possível destravar o avanço do Brasil na direção de uma sociedade desenvolvida, democrática e sustentável.

5. Fome, obesidade e modo de produção

Dentre todos os direitos humanos, o mais fundamental é o de se alimentar, mas se alimentar de uma maneira saudável. A obesidade crônica dos estadunidenses e a fome em países africanos é a melhor metáfora para o atual padrão de consumo. O excesso de consumo dos ianques contrastando com a falta de consumo dos povos da África. Precisamos encontrar um equilíbrio, e este equilíbrio certamente irá demandar dos americanos do norte e europeus uma redução em seu padrão de consumo de forma que possamos aumentar o padrão daqueles que sequer conseguem comer.

Aliás, já há alguns estudos apontando a correlação entre população urbana e obesidade. A urbanização, que no meu tempo de escola era um sinônimo de desenvolvimento, se excessiva pode se configurar na caracterização de uma sociedade doente.

É um modelo econômico predador em desarmonia com a natureza. Somos doutrinados ao consumo desde crianças. Compre, compre, compre e jogue fora. O lixo, aliás, é um dos maiores problemas ambientais que temos e decorre desta lógica de que tudo é descartável.

O trabalhador espremido em seus horários (perdendo longos tempos em deslocamento nas grandes cidades) acaba optando por uma alimentação rápida e barata. Comer dois salgadinhos de queijo com presunto junto a um guaraná hiper-adoçado é mais rápido e mais barato que um prato de arroz, feijão, salada e frango com um copo d'água. Isto diz muito do atual modelo, a alimentação da cidade, cada vez mais pré-fabricada, é um reflexo do modelo agrícola.

Tanto a obesidade quanto a fome são reflexos de um modo produção (que atende um determinado padrão de consumo) que não permite que a produção de alimentos saudáveis e baratos seja a regra.

6. O Homo ricus

Cacá Diegues publicou uma crônica na revista Piauí, intitulada *A Evolução das Espécies por Seleção Artificial*, onde trata do aparecimento, no futuro, do *Homo rícus*, desenvolvido a partir de uma parcela da população que tem acesso a serviços avançadíssimos de terapia genética na fronteira tecnológica dissociada dos demais *Homo sapiens*. Os lucros com esta se tornariam de tal modo elevados que os laboratórios deixariam de fabricar os medicamentos convencionais para os homens comuns.

Em artigo recente, afirmei que o uso do planeta pelos mais ricos e a não construção de um sistema público universal de saúde que forneça à toda a população os produtos e serviços de saúde mais avançados certamente transformará a divisão de classes na divisão de espécies sugerida por Diegues.

Podemos avançar ainda na ideia e lembrar que esta seleção artificial em razão da grana já começou, não pela manipulação genética, mas pelo acesso aos alimentos saudáveis. Os produtos orgânicos são tão mais caros que apenas uma parcela mais abastada da população tem acesso a eles, não estando suas vidas submetidas ao adoecimento precoce decorrente do consumo de alimentos envenenados.

É importante dizer: o atual padrão de consumo é sustentável... para poucos!

7. Kerala e o Partido Comunista Indiano

Dito tudo isto é importante lembrar que um outro mundo, um outro padrão de consumo é possível.

Alguns já devem ter ouvido falar da província indiana de Kerala (com população semelhante à do Brasil), cantada em verso e prosa pelo economista capitalista e prêmio nobel de economia, Amartya Sen. São os melhores indicadores sociais da Índia, mesmo sem uma economia robusta. Alguns números desta Província: 95 % de taxa de alfabetização (61% no resto da Índia); expectativa de vida de 75/78 anos (63 na Índia); um índice de 12 a 14 de mortalidade infantil a cada mil nascidos vivos (58 no restante do país). Poderia continuar tecendo louas a Kerala, mas é importante frisar que sua renda baixa também significa um padrão de consumo baixo.

O sucesso de Kerala, virou estudo de caso, o único porém que não se fala é que Kerala é governada há mais de 50 anos pelo Partido Comunista Indiano, sempre eleito democraticamente... mas isso não é importante.

8. Conclusão

O planeta não suporta mais o capitalismo, o capitalismo está em crise. É imprescindível que façamos desta crise, a crise terminal deste sistema ambientalmente inviável. E, respondendo a pergunta central desta conversa, há Terra para todos? Sim, mas não dentro do capitalismo.

Encerro com dois poemas

O primeiro de Bertolt Brecht, *Aos que virão depois de nós*:

I

Eu vivo em tempos sombrios.

*Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez,*

uma testa sem rugas é sinal de indiferença.

*Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.*

*Que tempos são esses, quando
falar sobre flores é quase um crime.*

Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?

*Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos*

que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.

Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço

Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.

Por acaso estou sendo poupado.

(Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!

Fica feliz por teres o que tens!

*Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?*

*se o copo de água que eu bebo, faz falta a
quem tem sede?*

Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.

Eu queria ser um sábio.

Nos livros antigos está escrito o que é a sabedoria:

*Manter-se afastado dos problemas do mundo
e sem medo passar o tempo que se tem para
viver na terra;*

Seguir seu caminho sem violência,

pagar o mal com o bem,

não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.

Sabedoria é isso!

Mas eu não consigo agir assim.

É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II

*Eu vim para a cidade no tempo da desordem,
quando a fome reinava.*

*Eu vim para o convívio dos homens no tempo
da revolta*

e me revoltei ao lado deles.

*Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.*

*Eu comi o meu pão no meio das batalhas,
deitei-me entre os assassinos para dormir,*

*Fiz amor sem muita atenção
e não tive paciência com a natureza.*

*Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.*

III

*Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos, pensem,
quando falarem das nossas fraquezas,
nos tempos sombrios
de que vocês tiveram a sorte de escapar.
Nós existíamos através da luta de classes,
mudando mais seguidamente de países que de
sapatos, desesperados!*

quando só havia injustiça e não havia revolta.

Nós sabemos:

*o ódio contra a baixeza
também endurece os rostos!*

*A cólera contra a injustiça
faz a voz ficar rouca!*

*Infelizmente, nós,
que queríamos preparar o caminho para a
amizade,
não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
Mas vocês, quando chegar o tempo
em que o homem seja amigo do homem,
pensem em nós
com um pouco de compreensão.*

E, por fim, uma poesia de Mário Quintana, *Das utopias*:

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
não é motivo para não quere-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a magica presença das estrelas!”*

Gustavo Souto de Noronha é economista e superintendente regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/RJ).